

## **TOBIAS LUAR**

**PSEUDÔNIMO: TUPAQUE**

**Marcílio França Castro**

Faculdade de Direito

### **O NÔMADE**

Sim, a cidade ignora mesmo esse homem de singular existência que quer apenas atravessar a rua e ter a certeza do que está fazendo. Não é à toa que ele parou na esquina e ninguém veio discreto lhe perguntar o que sentia, ao que então respondeu, agradecido: «não é nada». E ninguém acreditou, apesar de sua resposta significar mesmo pouca coisa.

Tobias é um infeliz no meio da rua e as pessoas não aparecem ali para ajudá-lo. Foi assim com essa satisfação interior de amizade universal que ele resolveu largar de onde estava e pegar um ônibus qualquer, o que na pior das hipóteses seria um caminho mais evidente de se chegar a algum lugar. Como estava no momento na mesma situação do planeta — embriagado — era indiferente vagar a nada sobre um bloco metálico de quatro rodas borrachentas ou fazê-lo somente pelos próprios pés. Parece que crê em nada, pois como qualquer peça de uma fria engrenagem ele só sabe funcionar. Talvez assim não se preocupe em pensar, já que neste caso seria capaz de ter dúvidas sobre alguma coisa e a situação se tornaria ainda mais insuportável.

A novidade para Tobias é o ônibus que ele tomou e agora sente-se menos mal. Segue como animal doente que geme alguma dor incômoda. É talvez ignorado o fato de que o motorista está com dor nas costas de tanto ficar assentado olhando para a

frente, mas mesmo assim ninguém faz nada. Tobias não compreende isso e vai perguntar ao motorista se ele quer descansar um pouco, deixando o volante ali para alguém que possa dirigir. O motorista é muito acanhado, ou talvez tenha pensado que Tobias enlouqueceu, mas o certo é que disse apenas um sucinto «muito obrigado» e mais nada.

## A MULHER

Ele já visitou toda a cidade de dentro do ônibus e, depois de cumprimentar o motorista pelo seu excepcional senso heróico de paciência, Tobias resolveu andar de graça pelas ruas frias da cidade, que mais parecem línguas estiradas na pele da terra e cintilando com a luz da lua.

Anda só, mas logo chega aquela mulher linda e nua, a embebedá-lo de carinhos e loucos cafunés. A face brilhante da rua é perfeita para o amor e Tobias nunca se sentiu tão vivo.

No meio da rua os corpos se abraçam e no chão frio da noite eles se deitam. Quando pernas e lábios se misturam, o som quente dos gemidos vem confundir-se com o roçar dos corpos que se esfregam em meio às pedrinhas ásperas do caminho. Ele está pálido de gozo. Mas as delícias são ligeiras e logo a mulher desaparece como veio e a rua fica de novo na companhia única de Tobias.

No meio do quarteirão tem um botequim donde sai vozerio e fumaça.

## O BANHEIRO

Um vagabundo puro não seria diferente. E Tobias gosta tanto de um copo quanto gosta de mulher. A sua roupa é sempre a mesma de qualquer dia e o sorriso nunca passa de amarelo e frio. Talvez ainda não tenha se vangloriado como merece. Ele próprio bem sabe o que pensam a seu respeito, mas acaba esquecendo tudo na cachaça do quarteirão, ao lado da mesa, do suor e da catinga.

Entra no bar em soluços e os olhos percorrem tímidos o recinto: um balcão velho de madeira, prateleiras quase despencando no fundo. Vêm-se também alguns serventes de cara desanimada que servem porcarias inúteis e vão limpando sistematicamente a superfície das mesas — movimento repetido a cada gota de líquido derramado pelo freguês. No teto, um ventilador afoito, que gira e gira. De braços abertos descreve um círculo, volta para donde saiu, recomeça.

Sente um mal cheiro que parece ser eterno. É uma carniça que vem dentro e respinga dissabor e desejo pelos cantos e janelas, dando na boca um cuspe de dúvida que esvazia qualquer clareza dos olhos.

Vai ao banheiro. Um enorme H exhibe-se na porta. Entra e não há como respirar. Alivia-se e sai. Dá alguns passos à frente e torna os olhos ao banheiro: H, enorme e único, H. Será que entrou mesmo no lugar certo? — pergunta a si mesmo Tobias. O frio que sobe a todo instante e congela a face traz consigo uma enigmática e triste feição de desespero. Que vale Tobias para o mundo? Nunca pensara nisso antes.

Miserável, mendigo, pobre cristão. Tudo é um mesmo prato pra se ouvir dos outros e ainda agradecer.

Quando as portas do bar se fecham, ele já tem milhares de goles na garganta e então não sabe se sai pela direita ou pela esquerda, porque esta é a única preocupação que tem e nada mais passeia pela sua cabeça dormente. Resmunga que a noite é longa e não tem censura. Cada caco de uma suposta fé acha-se bem longe de algum dedo que possa tocá-lo ou mesmo perceber à distância. Então, crê que é o fim. Mas na hora seguinte as pernas voltam e ele ainda encontra ônibus e mulher.

